

PODE A VAGINA SER RECUSADA EM 2024?

CAN THE VAGINA BE REFUSED IN 2024?

¿SE PUEDE NEGAR LA VAGINA EN 2024?

Juliana Lang Lima¹**TÍTULO: A RECUSA DA VAGINA: KAREN HORNEY, O FEMINISMO E A FEMINILIDADE NA PSICANÁLISE****AUTORA: PATRÍCIA MAFRA DE AMORIM****PORTO ALEGRE: ARTES E ECOS, 274 P.**

Resumo: A presente resenha se propõe a divulgar a obra de Patrícia Mafra de Amorim sobre a importância da concepção de vagina e da teoria de Karen Horney. A autora recupera a relevância dessa psicanalista alemã, pertencente ao círculo de psicanalistas de segunda geração, colocando em questão a teoria falocêntrica de Freud, de forma a ser repensada e trabalhada no contexto da psicanálise contemporânea.

Palavras-chave: Teoria falocêntrica. Karen Horney. Psicanálise contemporânea.

Abstract: This review aims to publicize the work of Patrícia Mafra de Amorim on the importance of the conception of the vagina and Karen Horney's theory. The author recovers the relevance of this German psychoanalyst, belonging to the circle of second-generation psychoanalysts, calling into question Freud's phallogocentric theory, so that it can be rethought and worked on in the context of contemporary psychoanalysis.

Keywords: Phallogocentric theory. Karen Horney. Contemporary psychoanalysis.

Resumen: Esta reseña tiene como objetivo dar a conocer el trabajo de Patrícia Mafra de Amorim sobre la importancia de la concepción de la vagina y la teoría de Karen Horney. La autora recupera la relevancia de esta psicoanalista alemana, perteneciente al círculo de psicoanalistas de segunda generación, poniendo en duda la teoría falocéntrica de Freud, para que pueda ser repensada y trabajada en el contexto del psicoanálisis contemporáneo.

Palabras clave: Teoría falocéntrica. Karen Horney. Psicoanálisis contemporáneo.

A *recusa da vagina* foi o excelente título que Patrícia Mafra de Amorim escolheu para reparar uma dívida histórica do movimento psicanalítico com Karen Horney. Mas, dito assim, e também devido ao subtítulo que abrange também feminismo e feminilidade, talvez se possa imaginar que o livro dessa jovem psicanalista carregue algo de revanchismo – e me apresso a explicar que não se trata disso. Em linhas gerais, a autora se propõe a um mergulho nas dicotomias tantas vezes perpetuadas nas leituras dos clássicos para retirar de qualquer dos lados o estatuto de *verdade*.

¹Psicanalista e escritora. Membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Organizadora e autora do livro *A Analista Grávida* (Artes e Ecos, 2020). Autora dos livros *Tempos Maternos* (Artes e Ecos, 2022) e *Transmissões do Feminino* (Artes e Ecos, 2024). ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2657-164>. E-mail: julianalanglima@gmail.com

No afã de defender as bases do pensamento psicanalítico, aqueles que estão acostumados a trabalhar com a herança freudiana por vezes incorrem no erro de tomar suas proposições ao pé da letra, inclusive como se portassem o selo da “real psicanálise”, uma psicanálise pura, fincada com pés firmes sobre os conceitos fundamentais, que não poderiam ser desdobrados sem o risco de perder-se pelo caminho. Ora, é lógico que isso não acontece somente com os freudianos, sendo, muito antes, uma característica humana: reunir-se em grupos para possibilitar uma defesa daquilo que se considera relevante, tendo como objetivo sua consequente manutenção.

Nesse sentido, o movimento em favor da tradição tem seus aspectos saudáveis e imprescindíveis – o próprio Freud, ao final de sua vida, nos deixou um documento belíssimo sobre a importância da tradição oral, do que é transmitido de geração em geração, com *Moisés e o monoteísmo* (FREUD, 1996c). Talvez seja interessante lembrar de que esse trabalho foi escrito em duas partes, a primeira delas ainda em Viena, com a guerra prestes a eclodir, e a segunda em Londres, com Freud e sua família já exilados devido aos avanços do nazismo.

Se retomo essa obra multifacetada, pinçada do tesouro que Freud nos legou, é por enxergar nela algumas semelhanças com nosso momento atual, com novas investidas antissemitas, reatualizados tempos de guerra, renovadas modalidades de violência contra as mulheres. Do ponto de vista psicanalítico, me parece ainda interessante pensar acerca da identidade, tema que perpassa todas as elaborações sobre Moisés – era ele um judeu; seria ele egípcio?

Sobre esse trabalho que usualmente precisa de uma espécie de “tradução”, tamanha sua complexidade, Edward Said (2004) comenta que, embora haja textos de caráter bastante pedagógico na obra freudiana, dedicados à transmissão da psicanálise, *Moisés* definitivamente não pode ser considerado um deles, parecendo ter sido escrito para fins de elaboração pessoal de Freud e sua relação com o judaísmo. Em suas palavras: “Freud é um exemplo notável de um pensador para quem o trabalho científico constituía, como frequentemente o disse, uma espécie de escavação arqueológica do passado enterrado” (SAID, 2004, p. 57).

Bem, mas se Freud, como todos aqueles que escrevem, dedicou-se a produzir uma teoria a partir das próprias vivências², por que não estaríamos autorizadas a pensar que também estava atravessado por concepções acerca do feminino nos textos em que se dedica a esmiuçá-lo? Em uma publicação recentemente lançada, sustento que a noção de primazia do falo, embora não seja sinônimo de superioridade masculina, também não se distancia tanto assim dessa ideia e, nesse sentido, imagino que seja difícil conceber que as mulheres desse século leiam sem alguma dose de indignação as proposições freudianas no que tange à inveja do pênis, por exemplo (LIMA, 2024).

Mas se posso registrar tais formulações polêmicas por escrito, sem receio de ser considerada uma psicanalista de segunda linha ou por demais desviante, só o faço porque vivemos tempos de bem-vindas releituras de textos fundamentais do arcabouço psicanalítico. Ainda que este seja um movimento mais contemporâneo, já não pode ser considerado incipiente, e tem sido recorrente que estudiosos se debrucem sobre os grandes autores da psicanálise para extrair de suas obras os fundamentos, adaptando-os aos sintomas e códigos de nossos tempos. Assim, é com satisfação que recebemos um livro como o de Patrícia Amorim, disposta a trazer para cena uma grande pensadora, que por muito tempo foi praticamente desconhecida da comunidade psicanalítica, exceto por uma ou outra nota de rodapé.

² Lembremos de que *A interpretação dos sonhos* (1996a), considerado o livro inaugural da psicanálise, foi elaborado quase que inteiramente a partir da autoanálise de Freud e de sua troca de correspondências com Fliess, assim como *A psicopatologia da vida cotidiana* (2023), cujos exemplos de chistes e atos falhos frequentemente são retirados da vivência do próprio Freud. Incluo ainda a célebre *Carta 69* (1996b), em que Freud diz não acreditar mais em sua neurótica, isentando o pai de ser um possível abusador, o que seria uma verdade no caso de a histeria ser causada pela sedução de um adulto.

De Karen Horney sabe-se, em geral, que certa feita postou-se de pé e ergueu a voz em um Congresso de Psicanálise para protestar contra a ideia de inveja do pênis como um atributo universal das mulheres, sugerindo uma revisão dessa concepção, ainda que não a refutasse de todo, mas a desdobrasse em uma formação primária e outra secundária. O ano era 1922 e Freud era o presidente da mesa – o que não inibiu a impetuosa analista de Berlim de lançar suas opiniões, ainda que divergentes das do mestre (GAY, 1989).

Até a publicação da Editora Artes e Ecos, pouco sabíamos sobre a vida dessa médica, sua formação em psicanálise, suas análises pessoais, sua experiência de maternidade com os três filhos que teve, sua ida para os Estados Unidos. Dessa psicanalista da segunda geração, poucos conhecem o polêmico conceito de *inveja do útero*, ou a obra em que se dedica a explicar uma variedade de problemas femininos, como ausência de libido, dificuldades na gravidez e interrupção no ciclo menstrual, ou ainda outra em que discute a relação da mãe com sua família de origem, apontando para as transmissões inconscientes que acontecem ali e influenciam a relação com os próprios filhos.

Não é que tais informações já não estivessem por aí, é que poucas vezes foram reunidas de forma tão interessante em um volume que contempla vida e obra dessa psicanalista ousada, que afirmava que, diferentemente do que Freud e seus contemporâneos imaginavam, já existe uma concepção da vagina por parte das meninas desde muito precocemente, bem antes da puberdade.

Contudo, a questão da vagina é apenas um dos pontos que aparecem nesse livro, que se propõe a recuperar os debates sobre a feminilidade, contemplando o contexto histórico e também o momento em que a psicanálise foi se desenvolvendo ao redor do mundo, e atualizando-os para esses tempos de novas e importantes questões. Ou alguém pode não achar vanguardista o pensamento de uma autora que, nos anos 1930, lançava questionamentos acerca dos efeitos da monogamia sobre o desejo e as formas de os sujeitos se relacionarem? Karen Horney e suas ideias, recuperadas e atualizadas pelas lentes de Patrícia Amorim, seguem como traços que auxiliam a guiar a clínica da atualidade, pós-pandemia, recheada de pautas identitárias, mais coletiva, menos elitista. Tudo isso por meio de uma pergunta norteadora: que futuro queremos para a psicanálise?

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. 4 e 5.
- FREUD, S. *A psicopatologia da vida cotidiana: sobre esquecimentos, lapsos verbais, ações equivocadas, superstições e erros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- FREUD, S. Carta 69. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1.
- FREUD, S. Moisés e o monoteísmo. FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v. 23.
- GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LIMA, J. L. *Transmissões do feminino*. Porto Alegre: Artes e Ecos, 2024.
- SAID, E. *Freud e os não europeus*. São Paulo: Boitempo, 2004.